

na pele de...

FILIPE FEIO texto

LEONARDO NEGRÃO fotos

Carteiro... Longe vai o ano de 1520, em que o Rei D. Manuel I criou o correio público em Portugal. E longe vai também o ano de 1821, em que se iniciou a entrega domiciliária de correspondência em Lisboa. Hoje, grande parte das comunicações são digitais e “apenas os reformados me aguardam, à espera do cheque” mensal. Verdade, mas não toda... Muitos são os que anseiam pelo carteiro, que a cada porta vai vestindo a pele de um amigo

“Ninguém se habitua a acordar às cinco da manhã”

Metade do trabalho do dia é feito frente a estranhos móveis, dentro de portas

“Hoje, já ninguém espera cartas de amor.” Longe vão os tempos em que essas declarações, ou as de guerra, se confiavam a mensageiros. Hoje, poucos são os que anseiam por uma carta. “Apenas os reformados, na expectativa de um cheque.” Más notícias, a virem, não passam de facturas, ou de magros registos bancários. No entanto, e apesar da opinião de Paulo Moura, meu colega por um dia, a verdade é que muitos o aguardam, se não ansiosa, pelo menos genuinamente. Não pelos envelopes que traz no saco, ou pelos artigos que tem para vender. Mas pela amizade sincera que distribui e pela breve companhia com que quebra as rotinas da manhã.

Caminho junto a quatro carteiros, devidamente fardados, em direcção à saída do Centro de Distribuição Postal (CDP) 1200 dos CTT, em Lisboa. Passa pouco das 10.00, e à nossa espera estão as ruas de Lisboa, e muitas caixas de correio. À pose decidida dos distribuidores, e ao início determinado da marcha, falta apenas uma banda sonora, que introduzo mentalmente. Escolho as primeiras batidas de *Eye of the Tiger*, música imortalizada por *Rocky III*, com Sylvester Stallone. Talvez pelo sentido de missão, e pelo adversário que tenho de enfrentar. Não um pugilista, do mal o menos, mas o peso da responsabilidade, que vou ter de puxar e ir distribuindo colina acima, pela zona do Chiado.

Mas, apesar de ter sido a partir das 10.00, e até por volta das 14.00, que me cruzei com os turistas e lisboetas, o trabalho começou quatro horas antes, no número 10 da Rua D. Luís I, uma paralela à Avenida 24 de Julho. Mais precisamente: três horas e 48 minutos antes. Porque a entrada se faz às 06.12, já que a semana de trabalho foi reduzida para 39 horas. “As conduções vindas de Cabo Ruivo [do Centro de Tratamento de Correios do Sul] chegam em quatro vagas, às 03.30, 05.12, 06.00 e 07.00”, explica Nuno Pica, chefe de CDP. Por dia, o centro recebe uma média de 58 mil volumes.

Dentro do amplo edifício, semelhante a um armazém, há duas zonas distintas. Na primeira, faz-se separação: por volumosos, médios e finos, e pelos diversos giros a fazer. Sentados frente a 64 móveis em meia-lua, os carteiros (ou distribuidores, como a si se designam) vão colocando cartas, postais e outras encomendas, em espaços destinados às diversas ruas que integram o código postal 1200. Depois de tudo separado, carteiros e cartas passam então para a segunda zona: a do sequenciamento. É aqui que, finalmente, entro ao serviço...

À minha frente tenho um outro tipo de móvel, adaptado de um modelo utilizado na Nova Zelândia, e que é utilizado em Portugal há cerca de dez anos. Nas várias prateleiras estão assinados os nomes das ruas e há espaços destinados



Velocidade. Sem o carro, que naquele dia não pesava sequer metade de 14 quilos, como chega a acontecer, o ritmo da passada seria ridículo. Ninguém andaria na rua àquela velocidade sem ser a correr. Quinze minutos depois de começar o giro, estava já a suar em bica e rogava pragas ao colete

a cada número de porta. É necessário ordenar a correspondência, de acordo com o percurso que vou efectuar. Numa carta, cujo destinatário é uma empresa, alguém escreveu “número 29 a 33”. No móvel, não tenho divisões destinadas a um conjunto de portas. Pela primeira vez, peço ajuda a Paulo Moura, carteiro escolhido para me acompanhar durante o dia de trabalho. “Isso é número 31, primeiro andar”, diz-me. “É daquelas situações que só o carteiro sabe.”

E “Flor do Ferragial? Onde é isto?”, pergunta-lhe outro. “Tenho aqui um sexto andar que é escada.” “Amigo, quer que eu vá lá?”, pergunta Moura. “Trabalhamos muito em equipa”, diz-me. “O grupo tem seis giros e conhecemos os giros uns dos outros.” Na sua totalidade, o CDP 1200 distribui em 40:33 são feitos a pé e 7 de automóvel, indispensável na entrega de correspondência volumosa e em grandes clientes.

Sequenciamento feito, é altura de atar os maços. “Antigamente era à mão”, explica-me Moura, mas agora há uma máquina que realiza a tarefa. Os onze volumes de cartas do meu giro são colocados em dois carros com rodas, um para mim, e outro para o meu colega. “Foi a melhor invenção”, diz-me Paulo Pereira, outro distribuidor do meu grupo. “Quando comecei, pensei em desistir”, confessa, “não imagina o que era andar com o saco às costas”.

Está tudo a postos. Só falta tomar o peque-



Herança. A princípio, “não gostava disto, porque era muito duro”, confessa Paulo Moura, que há 15 anos decidiu abraçar a profissão que era a do pai. “Hoje, já não largava isto”, diz. “Podia ter ficado como chefe, mas gosto é de andar na rua”

no-almoço no bar de dona Engrácia, um espaço no primeiro andar do CDP, com vista para a azáfama da preparação. São quase dez horas, e “a brincar, a brincar, já temos metade do trabalho feito”, diz-me José Fonseca, um outro colega. Para finalizar, e depois da sanduiche de ovo: a bica. “Ora, hoje é a vez de...” Paulo Moura sorri, enquanto retira da carteira um auxiliar de memória. “Aqui até há escala para se pagar o café.”

Estaladas, ou algo bem diferente... “Normalmente, não vou a esta velocidade”, confessa-me Moura, que segue à minha frente. O carteiro refere-se ao ritmo que, descontraidamente, vai imprimindo à passada, por uma perpendicular à Rua do Alecrim. Não? Não pode ser. Insisto com ele. Quero saber como costuma andar. Não é preciso ir devagar. Além disso, já mo tinha dito, “quanto mais depressa andarmos, mais cedo estamos despachados”. Do que eu havia de me lembrar...

É que as rodas do carrinho atestado têm de tocar em simultâneo no lancil, a cada subida ou descida de um passeio. E à nova velocidade da passada, que em qualquer outra situação se tornaria ridícula (porque que se faria a correr, não fosse o carro), raramente consigo coordenar o movimento. A cada rua que